

Michel Peterson e
Christian Peterson

Onde são/ estão os OSSOS...

O presente ensaio visual foi desenvolvido por Michel Peterson e Christian Peterson para a Revista Paralelo 31. As imagens e textos fizeram parte do conteúdo da Exposição Internacional no espaço expositivo A Sala, no Centro de Artes da UFPEL em maio de 2017. O ensaio propõe uma imersão numa pequena parte de conteúdo textual e imagético vasto, que já foi levantado pelo projeto de pesquisa do ROBAA (Roads of Bones And Ashes / A estrada dos ossos e das cinzas). Esta composição apresenta-se como um convite à reflexão, de uma perspectiva geopoética que, com grupo multidisciplinar, propõe problematizar os genocídios contemporâneos e seus apagamentos.

Helene Sacco

PARALELO31

ISSN: 2358-2529

edição 08 • julho de 2017

Michel Peterson; Christian Peterson



Chegamos sós

Disseste

E partimos sós

Mas então

Por que

Todas

Estas

Tumbas?

GUY PARENT

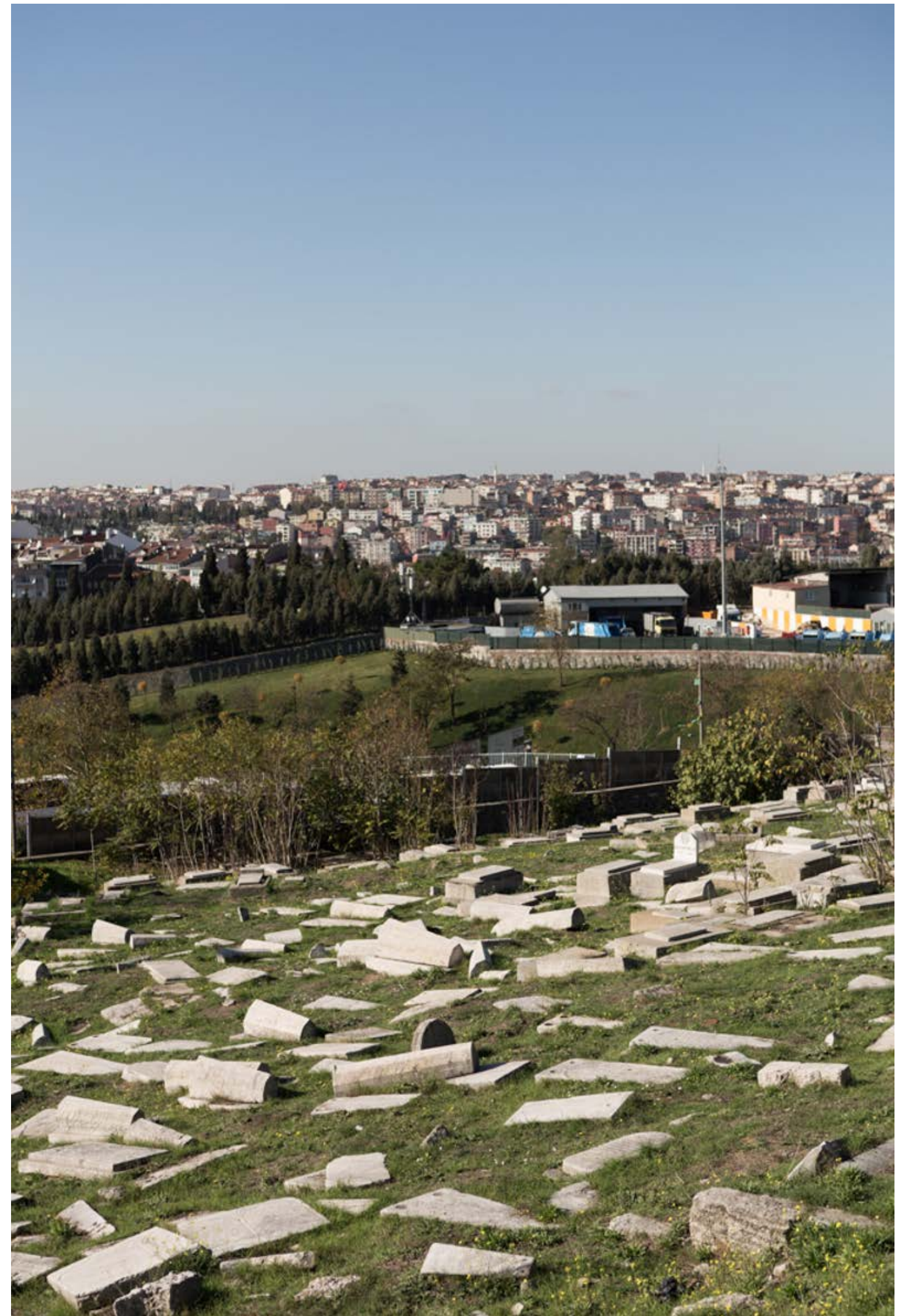
A NATUREZA DO SER





“[...] os humanos não enterram os mortos simplesmente para mantê-los isolados por uma separação impenetrável, mas também, e sobretudo, para humanizar o solo sobre o qual eles constroem seu universo e fundam sua história. [...] eu admitirei, de agora em diante, que a humanidade não é uma espécie (é o Homo sapiens que é uma espécie); é uma maneira de ser mortal e em relação aos mortos. Ser humano, é antes de qualquer coisa, enterrar. [...] Enquanto Homo sapiens, nós nascemos de nossos pais biológicos. Enquanto humanos, nós nascemos dos mortos – do terreno que eles ocupam, das linguagens que eles habitaram, dos mundos que eles construíram, das numerosas heranças institucionais, legais, culturais e psicológicas que, através de nós, os ligam àqueles que estão ainda para nascer.”

ROBERT HARRISON
OS MORTOS





عاشرة من شهر رمضان
قديرة بن علي العسيري
التي توفيت ليلة الجمعة
التي توفيت ليلة الجمعة
التي توفيت ليلة الجمعة

التي توفيت ليلة الجمعة
عاشرة من شهر رمضان
قديرة بن علي العسيري
التي توفيت ليلة الجمعة
التي توفيت ليلة الجمعة
التي توفيت ليلة الجمعة

عاشرة من شهر رمضان
قديرة بن علي العسيري
التي توفيت ليلة الجمعة
التي توفيت ليلة الجمعة
التي توفيت ليلة الجمعة





“Sabe-se que os critérios para determinar o estado de morte, dito de outra forma, para determinar se estamos lidando com um cadáver ou, ao contrário, com um vivo moribundo, com um coma prolongado, etc., estes critérios são variáveis e não oferecem nenhuma certeza natural, universal, científica ou consensual. Eles variam de uma época da medicina à Outra, de um Estado ou de uma cultura à outra. [...] No fundo, nós não dispomos de um saber científico e objetivo absoluto, apodítico, do estado de morte, não sabemos rigorosamente qual é a diferença entre um corpo vivo e um cadáver. E essa incerteza, que deixa sempre aberta a possibilidade de funerais organizados para um vivo, para um morto ainda vivo, esta incerteza pode também justificar, motivar a preferência fantasmática pela inumação (“já que eu não morri, que ao menos se considere isto, que não se apressem para me destruir, para me aniquilar, que não me matem ainda”) ao invés de motivar a preferência pela cremação (“já que eu não estou tão morto quanto dizem ou querem, ou fingem crê-lo, que ao menos me queimem para que minha morte seja irreversível e que eu não sofra o inferno de ser enterrado vivo”).

No fundo, a cremação, se ela é decidida pelos outros, é uma espécie de assassinato irreversível, e se ela é decidida pelo moribundo, uma espécie de suicídio irreversível que garantiria contra os tormentos do despertar possível, e do sufocamento em uma caixa de madeira a sete palmos abaixo da terra, sem ninguém para responder um pedido de socorro. Mas os que protestam em nome da inumação contra a inumação, o fazem então, também, como se eles protestassem lucidamente contra o que parece um assassinato ou um suicídio irreversíveis mais do que um sinal de amor ou de respeito enlutado pelo desaparecido ou, antes, pelo que está desaparecendo.

Mesmo que elas não se pronunciem sempre em alta voz, pode-se ouvir, vinda das duas culturas ou dos dois partidos, os que sepultam e os que cremam, uma terrível acusação contra o outro. E é sempre uma acusação de desumanidade, senão de crime contra a humanidade.”

JACQUES DERRIDA

A BESTA E O SOBERANO



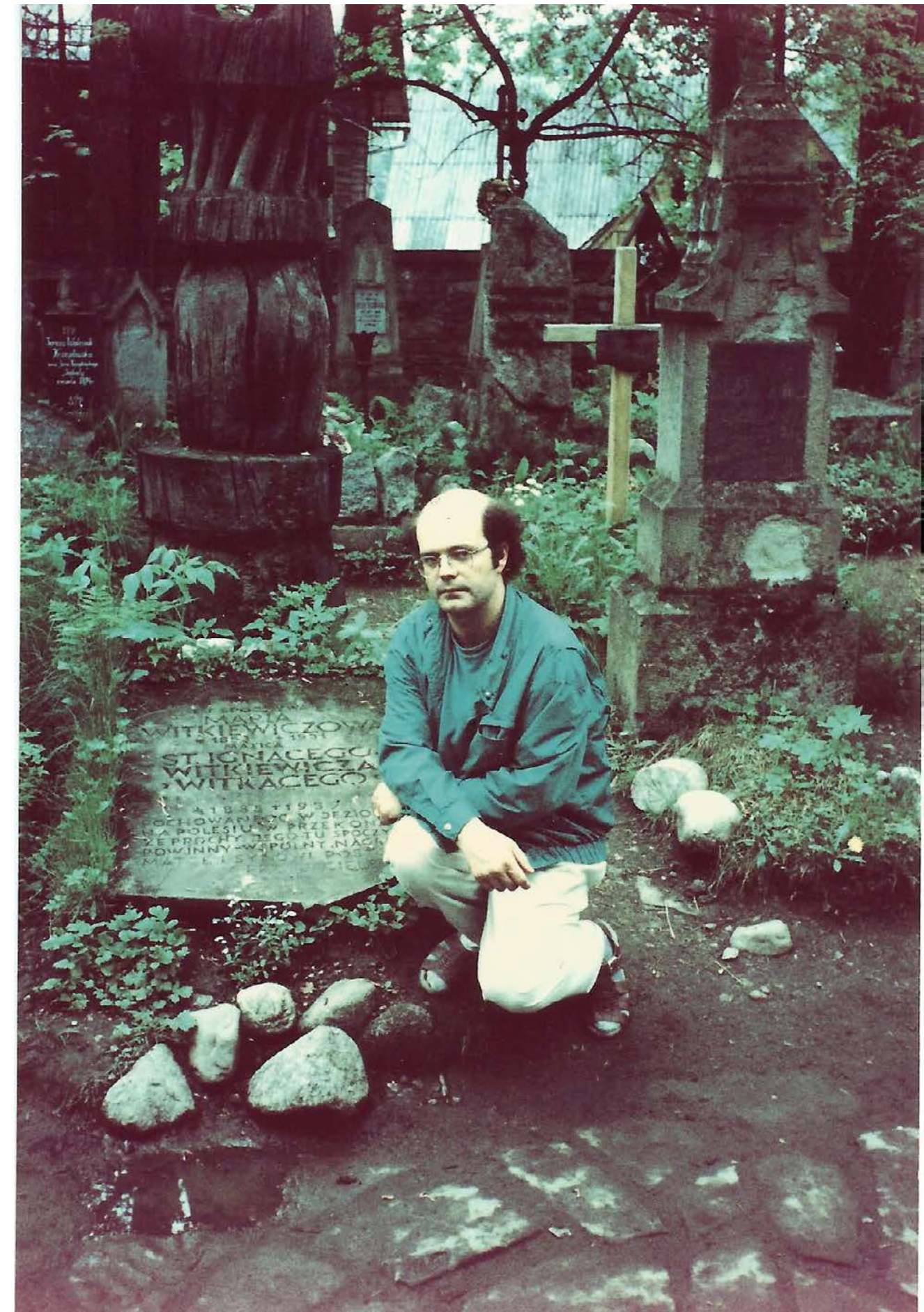




De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, em 2016, 5022 pessoas morreram ou desapareceram no Mediterrâneo. Pôde-se constatar o falecimento de 1476 dentre elas. Para os demais, ou seja, 3548 pessoas, isto é 71% das vítimas, só se pôde constatar o desaparecimento. Missing. Provavelmente para sempre. O mar engole os corpos, apaga e dispersa os traços de naufrágios, das vidas, dos nomes. O ciclo vital que invoca o retorno simbólico à terra, fica inacabado, suspenso. A água, que dá a vida, torna-se um ventre obscuro que aniquila. Para os que ficam, o luto na ausência do corpo torna-se espectral, impossível ou interminável.

FILIPPO FURRI

MISSING



As sepulturas remontam aos tempos pré-históricos. Em 1930, os arqueólogos descobriram, por exemplo, na gruta de Skhül, perto do Monte Carmelo, em Israel, uma (sepultura) que data de 100.000 anos. Os artefatos que foram encontrados lá sugerem que ocorreram cerimônias após os falecimentos. Pode-se, então, pensar que os humanos já tinham um respeito particular com relação à morte. Dito de outra forma, a morte de um membro do clã constitui uma experiência fundamental da humanidade. A prática das sepulturas nunca parou de evoluir na história e ela é hoje indissociável do processo do luto do qual cada um experimenta. A vida psíquica de cada um depende, aliás, desta capacidade de viver o luto.

De fato, o luto é um processo fundador do crescimento psíquico do sujeito. É este trabalho de protesto contra a realidade da morte de um ente querido. Este trabalho mergulha o sujeito numa dor associada à ideia de que a morte de um próximo é considerada como a perda de uma parte de si. Trata-se, então, de um trabalho desencadeado pela perda, que é vivida de maneira dolorosa, pois ela implica a perda de uma parte de si. O luto é, assim, a reivindicação da pessoa falecida e, em si, a reivindicação de uma parte perdida de si.

A evolução do processo de luto determina como o sujeito posiciona-se em relação a ele mesmo e, por consequência, em relação ao mundo, como ele exerce sua cidadania. A passagem do luto favorece a entrada em um grupo, enquanto uma fixação (no luto/nele/neste) conduz a uma ruptura e à recusa de engajamento.

O processo do luto desenvolve-se normalmente numa sequência em que, a princípio, trata-se de reconhecer a perda, depois, de desfazer o laço com o defunto e, enfim, de reinvestir e de recriar novos laços. Neste processo, é possível reconhecer as quatro etapas que o indivíduo atravessa na resolução do luto. No primeiro momento, ele nega a perda, ele nega que a pessoa faleceu, ele contesta a realidade da morte. Disso resulta a cólera como reação ao falecimento, depois, a tristeza de ter perdido um ente próximo. Na terceira etapa, a pessoa aceita a morte e começa a se distanciar emocionalmente. O processo conclui-se na busca e na criação de novas relações.

A morte de alguém próximo é “um ferimento, um traumatismo e uma crise”, ela provoca um choque. A dor coloca o sujeito face à opção de negar esta realidade. É importante, então, agir sobre duas linhas: fazer a experiência menos dolorosa e fazê-la aceitável no plano da realidade. A função e o significado da sepultura fazem sentido no horizonte desta ação: a cerimônia permite a socialização da morte, introduzindo o sujeito no grupo e mostrando-lhe que ele não está sozinho. Além disso, a sepultura põe a realidade à prova e expõe o indivíduo ao veredito da realidade: o defunto está realmente morto.

**DANIEL BOUCHER, MONTRÉAL, ASSISTENTE SOCIAL E
PSICOTERAPEUTA MEMBRO DA EQUIPE DE PESQUISA
ROBAA.**

O LUTO

